

GENETHLIACON

Frederico Lourenço
Paulo Farmhouse Alberto
Universidade de Lisboa

Hoje, dia 24 de Junho de 2002, o Victor faria, se fosse vivo, 55 anos. Ontem telefonámo-nos para falar dele.

– Amanhã o Victor faz anos...

– *Faria* anos...

– Pois. Sabes, ainda não aceitei totalmente...

– Nem eu.

– A grande prova vai ser irmos ao Castiço, sem ele, nos anos dele...

– Os comentários dele à ementa...

– E aquela saída dele a seguir ao célebre Conselho Científico...

Galhofa. Riso quase às lágrimas. O sorriso do Victor. O cintilar irónico naqueles olhos muito azuis. A infinita compreensão aliada ao infinito gozo.

Adorávamos picá-lo:

– Victor, nem sabes o que aconteceu na última reunião...

Sorriso rasgado do Victor. – Vai rebentar a bronca!

E chegámos à conclusão de que, acima de tudo – e não entrámos sequer na faceta académica do classicista, do estudioso da ciência dos mitos, do divulgador da cultura clássica e sua recepção na literatura moderna; muito menos na do Presidente dos Conselhos Directivo e Científico –, o Victor era, no melhor sentido, uma espécie de rocha. Havia nele algo de inabalável. Bastava entrarmos no campo magnético abrangido pela sua presença e sentíamos logo uma sensação de segu-

rança. “Ao lado deste homem” (pensávamos), “não me pode acontecer nada”.

Situação sobremaneira paradoxal. Pois como todos os que conheceram mais intimamente o Victor sabem, a sua curta vida não foi propriamente isenta de problemas pessoais. Mas, para os outros, o que transparecia era a disponibilidade constante para ouvir, para aconselhar. Por muito que ele estivesse a sofrer por dentro, para nós a sua presença era sempre analgésica, antidepressiva. O Victor não dizia “olá, estás bom?”. Perguntava “como é que tu estás?”. Da ênfase inexplicável que ele dava à palavra “tu” espalhava-se no nosso espírito um sentimento indizível de bem-estar, de apaziguamento. “Ao lado deste homem, não me pode acontecer nada”.

Quando o Victor morreu, um de nós teve a seguinte reacção espontânea: “vai-me fazer falta aquele corpanzil. Cada vez que for a uma reunião. A um convívio de Faculdade. A um jantar de doutoramento. Não vamos ter o corpanzil para aparar os embates, para abrir caminho.”

– E a falta que ele fez no funeral dele! Faltou ele para depois irmos almoçar.

O Victor era táctil. Abraçava. Exteriorizava afecto. Não tinha vergonha de mandar “beijinhos” aos amigos do sexo masculino. Quanto ao sexo oposto... alguém disse uma vez que “o Victor tem o condão de reunir em seu redor uma corte de mulheres carentes”. Quando éramos alunos dele, víamos isso com as próprias colegas, que o idolatravam. Qual não foi o nosso espanto quando, no doutoramento do Victor, vimos aparecer antigas alunas de ramos de flores na mão. O seu olhar; a sua voz: reconfortavam.

Ao princípio, a passagem de “alunos” a “colegas” não foi fácil. À semelhança de outros, o Victor tinha um pouco a ideia de que nós éramos uns “convencidos” e que precisávamos de “levar para trás”. Coisa que ele sabia fazer como ninguém. Só quem alguma vez assistiu a cenas desse tipo em que o Victor era o protagonista pode sentir o arrepio gelado que provocavam os seus comentários cortantes ao pretensso “convencimento” de determinado colega ou aluno. Mas essa barreira acabou por ser ultrapassada. E aí revelou-se-nos um Victor totalmente diferente. Um amigo com quem se podia contar sempre, até às últimas consequências. Pois o Victor era emotivo e irracional. Quando gostava, gostava; avassaladoramente. Era impossível convencê-lo de algum defeito numa pessoa de quem ele gostava. Por outro lado, quando tomava alguém de ponta, o objecto do seu desprezo bem podia espojar-se no chão. Ele permanecia inamovível. Pelo menos

exteriormente. À medida que o fomos conhecendo melhor, percebemos que, nele, a fronteira entre inimizade e amor era ténue. O Victor era essencialmente um homem afectivo. Era um coração generoso. Era, até, irracionalmente, inexplicavelmente generoso. Era uma pessoa que, acima de tudo, gostava de gostar. E mesmo no último ano da sua vida, tivemos provas concretas de que ele era capaz de dar o braço a torcer quando se apercebia de que se enganara na apreciação negativa de esta ou aquela pessoa.

A coisa que mais divertia o Victor era a Faculdade. As pessoas. A excentricidade das diferentes personalidades. Era talvez o único docente da casa que conhecia pelo nome todos os colegas de todos os departamentos. Interessava-se pela vida pessoal de cada colega: pelos casamentos, divórcios, namoros, filhos, netos; era capaz de fazer centenas de quilómetros para assistir a um funeral, para dar apoio a quem estivesse nesse momento a precisar da sua presença “analgésica”. O facto de o Victor estar sempre ao corrente da última “má língua” da Faculdade levava a que algumas pessoas não reparassem naquela que sempre nos pareceu a sua mais admirável característica: o Victor não era maledicente. Não dizia mal das pessoas. Às vezes, bem tentávamos puxar-lhe pela língua. Mas nada. E à medida que o fomos conhecendo melhor, e conhecendo também melhor as pessoas importantes da sua biografia, demo-nos conta de um factor insólito: era justamente das pessoas que mais o tinham magoado que o Victor tinha maior pudor em falar. No meio da exuberância, do gosto rabelaisiano pela gastronomia, pela enologia, havia uma qualidade que nem todos viam (ou queriam ver). A dignidade. Havia nele algo de dionisíaco, sem dúvida: parte da sua personalidade correspondia, sem tirar nem pôr, à figura de Sileno. Mas ao mesmo tempo era um grande senhor. Dava “chá” aos outros, mas não tanto pela pose; mais pelo exemplo. O Victor adorava ser controverso, dava-lhe gozo desarmar quem o ouvia (quem não se lembra dos cenários apocalípticos por ele pintados cada vez que se referia à Faculdade! tudo encenação!). Era capaz de insinuar jogos de palavras picantes e de se referir ao corpo docente da Faculdade como “a malta”. Mas de “rasca” não tinha nada.

Outra coisa que passava despercebida neste catedrático de nomeação definitiva, Presidente do Conselho Científico, era a sua infantilidade. O Victor era um miúdo. Tinha razões de sobra para se sentir amargurado com os seus múltiplos problemas pessoais. Mas amargura era precisamente a característica que lhe faltava por completo. Um colóquio, um restaurante, um relatório, uma festa de anos, uma reunião na Reitoria: tudo para o Victor era motivo de entretenimento.

Acompanhámo-lo como representante de Estudos Clássicos na Comissão Coordenadora do Conselho Científico. Assistir ao “Expediente” ao lado do Victor era qualquer coisa de impressionante: porque ele conhecia todas as pessoas que lá vinham mencionadas, vibrava com aqueles elencos de júris, com a agregação deste, com o mestrado daquele. Nós tivemos o privilégio de ver a Faculdade pelos seus olhos, de ver nela o que o Victor via: um palco trágico-cômico, povoado de pessoas adoráveis, sacanas, altruístas, ambiciosas, divertidas. Um palco cheio de pessoas que amavam, sofriam, lutavam pelas suas carreiras e cediam generosamente “a vez” a outro.

O telefonema já ia longo.

– Então a Faculdade? Novidades?

Pausa.

– Bem, como o Victor dizia, parece que é desta que vai rebentar a bronca...!